



Mina Marlin: Devastando Terras e Vidas Indígenas

Richard Renshaw, CSC

Membros da Comissão de Justiça Social de Montreal descobrem os impactos da mineração canadense na Guatemala.

Durante uma visita em 2005 à Guatemala, um guia conduziu uma delegação da Comissão de Justiça Social a uma pequena escavação no solo. “Aqui vai ser uma mina de ouro”, ele disse. “Ela é de propriedade de uma empresa canadense e vocês são canadenses”.

No ano passado, juntei-me a uma outra delegação do mesmo tipo para visitar novamente este local. A mina de ouro a céu aberto, nomeada Marlin, agora ocupa todo o vale. Em uma imensa cratera, máquinas enormes escavam toneladas de terra todos os dias. O reservatório de lixo era um lago de dejetos do processo que utiliza cianeto usado pela mina, arsênico escavado e outros metais pesados – sua toxicidade era evidente pela morte de centenas de pássaros que voavam sobre o lago e estranhas novas doenças entre os trabalhadores e moradores das proximidades.

Referendos realizados em cerca de 50 comunidades nos arredores indicam que 90% das pessoas se opõem à mina. No entanto, como na maioria das comunidades mineradoras, as pessoas têm opiniões opostas – algumas têm esperança nos poucos empregos disponíveis e outras resistem ao estrago ambiental, perigos à saúde e a eliminação de terra cultivável. Em muitos casos, o conflito se tornou letal. Uma mulher que se opunha abertamente à mina foi baleada na cabeça alguns dias após a nossa visita.



Foto usada com permissão da Comissão de Justiça Social de Montreal.



Anúncios da Goldcorp tentam ganhar apoio para a mina com promessas de empregos e prosperidade. O anúncio diz:

Desenvolvimento = trabalho = melhor qualidade de vida

Para nós da Goldcorp, o valor está no desenvolvimento.

Foto usada com permissão da Comissão de Justiça Social de Montreal.



Menino mostra o estrago em sua casa causado pelas explosões da mina.

Foto usada com permissão da Comissão de Justiça Social de Montreal.

Além da violência e preocupações ambientais e de saúde, as mulheres da área reclamam que as explosões com dinamite da Marlin causaram rachaduras enormes na paredes de suas casas e que a companhia ergueu ilegalmente torres de energia em seus terrenos para levar os cabos à mina. Quando elas tentaram resistir, foram espancadas pela polícia. Várias tiveram mandados de prisão penderes por mais de um ano.

Marlin é de propriedade da Montana Explorada, uma subsidiária guatemalteca da corporação canadense Goldcorp, uma das maiores companhias de

mineração de ouro a céu aberto do mundo. A Goldcorp tem consciência da sua imagem, particularmente diante dos investidores nas reuniões anuais de acionistas. A companhia publica todos os anos um relatório de responsabilidade social extenso e seu site retrata a Goldcorp como “comprometida com práticas de mineração responsáveis, diálogo aberto, transparência e prosperidade sustentável para todos”.

Contudo, em 24 de maio de 2010, a Comissão de Direitos Humanos Interamericana solicitou ao governo guatemalteco que suspendesse as operações na mina Marlin imediatamente enquanto investigavam reclamações de danos ambientais e violações de direitos humanos. O governo concordou relutantemente, mas ainda tem que por em prática a suspensão.

Quando membros da nossa delegação se reuniram com o representante político na Embaixada Canadense, tivemos dificuldade e m fazê-lo falar sobre os problemas na mina Marlin. Frustrado, finalmente eu lhe disse que parecia que os danos causados pela mina não eram um problema para o governo canadense. Após um momento de arrogância, ele admitiu que era verdade. Havia simplesmente muita coisa em jogo para o padrão de vida canadense para deixarem escapar lucros daquele vulto.



Protesto maia.

Foto: Tracy Barnett. Usada com permissão.

Por exemplo, em 2008, o valor da produção de mineração da Marlin foi US\$ 258,1 milhões. Apenas 5,8% deste montante

permaneceu na Guatemala na forma de impostos e royalties pagos ao governo guatemalteco, enquanto os lucros imensos foram para os bolsos dos acionistas da Goldcorp, incluindo muitos fundos de pensão grandes e bancos.

Quando uma tentativa foi feita recentemente para exercer um controle legislativo mesmo que limitado sobre as companhias canadenses operando no exterior, o lobby de mineração montou uma auto-defesa agressiva e a lei foi derrubada por uma pequena margem. Atualmente, 75% de todas as companhias mineradoras no mundo estão registradas no Canadá e a razão é muito simples. Há poucas, se nenhuma, restrições ao que elas podem fazer.

No entanto, a oposição a práticas de mineração como as da Marlin é vigorosa e está crescendo, especialmente entre as comunidades religiosas. Na Guatemala, o Bispo Ramazzini, chefe da diocese onde a Marlin está localizada, tem desempenhado um papel importante em manter a questão diante do governo e da comunidade internacional. As igrejas canadenses também se manifestaram contra as práticas das companhias de mineração em casa e no exterior. Dentro da Santa Cruz, a Província Canadense estabeleceu filtros para garantir que todos os seus investimentos sejam socialmente responsáveis.

À medida que a pressão da opinião pública e das resoluções de acionistas aumenta, será apenas uma questão de tempo até que o lema de **Desenvolvimento e Paz** se espalhe: *A Vida Antes do Lucro!*



Não à mineração, sim à vida.

Foto: Tracy Barnett. Usada com permissão.